

Decisões não se esgotaram, diz banqueiro

Da sucursal do RIO

As últimas medidas econômicas baixadas pelo governo foram consideradas normais pelos dirigentes de instituições e entidades representativas do Rio, mas carentes de decisões complementares. Dessa forma pensa o vice-presidente do Unibanco, Mário Marques Moreira, para quem "não se esgotaram outras medidas que possam surgir, agora com sentido mais programático, ou seja, estabelecendo um programa mais detalhado".

Por sua vez, o presidente da Associação Brasileira de Bancos Comerciais, Célio Borja, destacou a decisão de se manter a correção cambial indexada à Obrigaçāo Reajustável do Tesouro Nacional, por entender que isso permitirá deflacionar a dívida pública ao mesmo tempo em que reorientará os detentores de ORTN com correção cambial para aplicações mais diretamente ligadas ao setor produtivo.

Segundo explicou Célio Borja, no dia em que se aproximarem os juros do sistema financeiro aos juros dos rendimentos em atividades produtivas, como indústria, comércio e agricultura, "será provável que os investimentos também se aproximem das opções produtivas".

Quanto ao "pacote das estatais", os empresários destacaram que o governo não tinha outra alternativa. Enquanto Marques Moreira considerava que ainda é cedo para uma avaliação mais detalhada, Célio Borja afirmava que "o pacote é o que o governo podia fazer no momento, tendo em vista, sobretudo, a reação do próprio pessoal das estatais".

No entanto, para o presidente da Associação das Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento (Adecif), Germano Brito Lira, o "pacote das estatais teve muito mais a preocupação de manter o nível de emprego, pois preserva as conquistas para os empregados atuais e as retira para os futuros, de modo a não onerar ainda mais os custos das empresas".

EXPORTAÇÕES

O expurgo no índice de correção monetária decretado pelo governo permitirá o incremento das exportações, uma das maneiras mais realistas de o Brasil soberanamente obter as divisas com as quais pagará parte da sua dívida externa.

A opinião foi manifestada ontem, no Rio, pelo presidente da Associação de Exportadores Brasileiros (AEB), Humberto da Costa Pinto, acrescentando que o problema fundamental brasileiro é a inflação, pois ela "desequilibraria toda a economia e a produção para exportação".